



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana tem divulgação da Ata do Copom e IPCA. No setor bancário, principais bancos do país divulgam resultados do 2T24.

Destaque na semana para a divulgação, na terça-feira (6), da Ata da última reunião do Copom, que pode entrar em mais detalhes sobre a decisão de não indicar uma disposição de voltar a subir os juros no curto prazo, apesar da piora do cenário. No comunicado pós-reunião, o Copom adotou um tom mais duro do que na última reunião, mas não sugeriu a iminência de alta dos juros, mesmo com sua projeção de inflação ficando um pouco acima da meta no horizonte relevante (3,2% vs meta de 3,0%). Assim, espera-se que o documento traga em mais detalhes alguns pontos, como: qual o motivo do balanço de riscos não ter sido considerado assimétrico (mesmo pontuando mais elementos na direção de alta da inflação); e, se houve alguma discussão sobre a possibilidade de alta dos juros ainda neste ano, em caso de deterioração adicional do cenário econômico. Outro ponto que vale a pena ser mencionado é que o BCB publicou novas orientações para o agendamento de reuniões com auditores externos, para aperfeiçoar sua política de transparência, conforme pode ser visto neste [link](#). Além disso, as reuniões com os economistas do mercado passarão a ser semanais (não mais mensais), com o objetivo de “captar de forma mais tempestiva o sentimento e as projeções dos analistas econômicos”.

Na agenda de indicadores, o IBGE divulga na sexta (9) o IPCA de julho, que deve se aproximar de 4,5% no acumulado em 12 meses. O consenso do mercado projeta alta de 0,35% da inflação em julho, pressionada pelas passagens aéreas, combustíveis e energia elétrica. No sentido contrário, os alimentos devem registrar deflação, devido à queda sazonal dos preços dos itens *in natura*. Em 12 meses, o índice deve acelerar para 4,47% (ante 4,23%), se aproximando do teto da meta (4,50%). Embora a expectativa seja de algum recuo nos próximos meses, a recente escalada do dólar se mostra como um risco de alta para as atuais projeções, que, por ora, estão em 4,12% para este ano, segundo o boletim Focus. **Ainda no âmbito da inflação, a FGV divulga o IGP-DI de julho, com atenção para o efeito da alta do câmbio.** O indicador será divulgado na quarta (7) e tem expectativa de alta de 0,72% no mês, acelerando ante o resultado de junho (+0,50%), refletindo o aumento da inflação dos itens industriais no atacado. Em 12 meses, o IGP-DI deve acumular alta de 4,05% (ante 2,88%).

A semana também traz os dados da balança comercial e de produção de veículos, referentes ao mês de julho. O resultado da balança comercial será divulgado na terça (6) e deve mostrar um superávit de US\$ 7,8 bi no mês, pouco abaixo do registrado em jul/23 (US\$ 8,2 bi), em função do bom crescimento pelas importações. No mesmo dia serão conhecidos os números da produção de veículos, que deve seguir em recuperação após a forte queda de maio, quando foi afetado pelas enchentes no RS.

Na agenda corporativa, as maiores instituições financeiras do país dão sequência à divulgação de seus resultados referentes ao 2T24. Hoje cedo, o Bradesco divulgou seu balanço, que apresentou um lucro líquido de R\$ 4,7 bi, mostrando recuperação (+12,0%) ante o resultado do 1T24. Já o Itaú publica seu resultado amanhã (6), após o fechamento dos mercados, com expectativa de lucro de R\$ 10,0 bi no período, alta de 2,5% ante o trimestre anterior. O Banco do Brasil, por sua vez, divulga seu resultado na quarta (7), com expectativa de lucro líquido de R\$ 9,2 bi, praticamente estável (-0,5%) no trimestre. No geral, as instituições tem se beneficiado da combinação de maior crescimento da carteira de crédito e queda/estabilidade da inadimplência. Ainda na semana, Inter (7), Pan (7) e ABC (8), dentre os bancos com capital aberto, divulgam seus resultados.

A agenda de indicadores internacional é enxuta na semana, mas o comportamento dos mercados deve ser monitorado com atenção. Hoje, a bolsa do Japão caiu 12,4%, maior queda desde 1987, em função dos temores com uma desaceleração mais brusca da economia dos EUA. Os índices futuros dos demais países, inclusive do Brasil, também apresentam forte retração. Neste sentido, os agentes estarão atentos aos índices PMI e ISM dos EUA que serão conhecidos hoje. Outro destaque são os dados do setor externo e de inflação da China, que darão novas pistas sobre o comportamento da demanda interna, que tem mostrado baixo dinamismo, aumentando a desconfiança sobre a capacidade do país atingir a meta de crescimento de 5% no ano.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
06/ago	Ata do Copom	-	-	-
06/ago	Secex: Balança Comercial	Jul/24	US\$ 7,8 bi	US\$ 6,7 bi
06/ago	Anfavea: Produção de Veículos	Jul/24	-	11,6% a/a
07/ago	FGV: IGP-DI	Jul/24	0,72% m/m 4,05% a/a	0,50% m/m 2,88% a/a
09/ago	IBGE: IPCA	Jul/24	0,35% m/m 4,47% a/a	0,21% m/m 4,23% a/a

Fonte: Bloomberg.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 2T24

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 2T24 - Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Bradesco	05/ago	4.412,3	4,8%	-2,3%
Itaú	06/ago	10.020,0	2,5%	14,6%
Banco do Brasil	07/ago	9.252,1	-0,5%	5,3%
Inter	07/ago	220,7	13,0%	243,9%
Pan	07/ago	223,8	13,8%	31,6%
ABC	08/ago	222,3	-0,3%	10,1%
Pine	12/ago	-	-	-
Banrisul	13/ago	244,1	30,2%	7,8%
Nubank	13/ago	-	-	-
XP	13/ago	1.087,0	5,6%	11,3%
BTG Pactual	14/ago	2.996,5	8,0%	22,7%
BMG	14/ago	99,1	5,4%	-

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
04/ago	China	PMI Caixin Serviços	Jul/24	51,5 pts	51,2 pts
05/ago	Zona do Euro	PMI Serviços	Jul/24	51,9 pts	52,8 pts
05/ago	EUA	ISM / PMI Serviços	Jul/24 – final	51,0 pts / 56,0 pts	48,8 pts / 55,3 pts
06/ago	Zona do Euro	Vendas no varejo	Jun/24	-0,1% m/m	0,1% m/m
07/ago	EUA	Crédito ao Consumidor	Jun/24	US\$ 10,0 bi	US\$ 11,4 bi
07/ago	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Jul/24	9,1% a/a 3,0% a/a	8,6% a/a -2,3% a/a
08/ago	EUA	Estoques no atacado	Jun/24 – final	0,2% m/m	0,6% m/m
08/ago	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jul/24	0,3% a/a	0,2% a/a
08/ago	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Jul/24	-0,9% a/a	-0,8% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Copom aumenta o tom, mas sinaliza que ainda não há necessidade de subir a Selic

Sem surpresas, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) manteve a taxa Selic estável em 10,5% aa pelo segundo encontro seguido. O tom do comunicado veio um pouco mais duro do que o anterior, em resposta à deterioração do cenário desde a última reunião, mas sem sinalizar uma iminente alta dos juros.

Na avaliação da conjuntura, não houve alteração sobre o cenário externo, que se mantém adverso; e, sobre o desempenho da atividade doméstica e do mercado de trabalho, que tem apresentado maior dinamismo que o esperado, segundo o Comitê. A mudança mais nítida ficou na preocupação com a inflação, onde o BCB pontuou que o processo de desinflação tem arrefecido, enquanto as métricas subjacentes tem se situado acima da meta. Ainda, o comunicado chamou a atenção para a deterioração do quadro fiscal, que tem levado à depreciação cambial e piora das expectativas de inflação.

Diante desse quadro, houve uma piora nas projeções de inflação da instituição. No cenário de referência*, as projeções subiram de 4,0% para 4,2%; e, de 3,4% para 3,6%, para 2024 e 2025, respectivamente. No cenário alternativo, em que a taxa Selic é mantida em 10,5% aa ao longo de todo o horizonte relevante, a projeção subiu de 4,0% para 4,2% (2024) e de 3,1% para 3,4% (2025). Mais importante, as projeções para o 1º trimestre de 2026, foco da autoridade (6 trimestres à frente), ficaram em 3,4% no cenário de referência e em 3,2% no cenário alternativo, ambas acima da meta (3%).

O BCB manteve a simetria do balanço de riscos, mas pontuou mais elementos sinalizando um viés de alta para as projeções. Enquanto os riscos de baixa permaneceram os mesmos, foram adicionados dois novos riscos de alta: i) uma desancoragem das expectativas de inflação por período mais prolongado; e, ii) uma conjunção de políticas econômicas externa e interna que tenham impacto inflacionário, por exemplo, por meio de uma taxa de câmbio persistentemente mais depreciada.

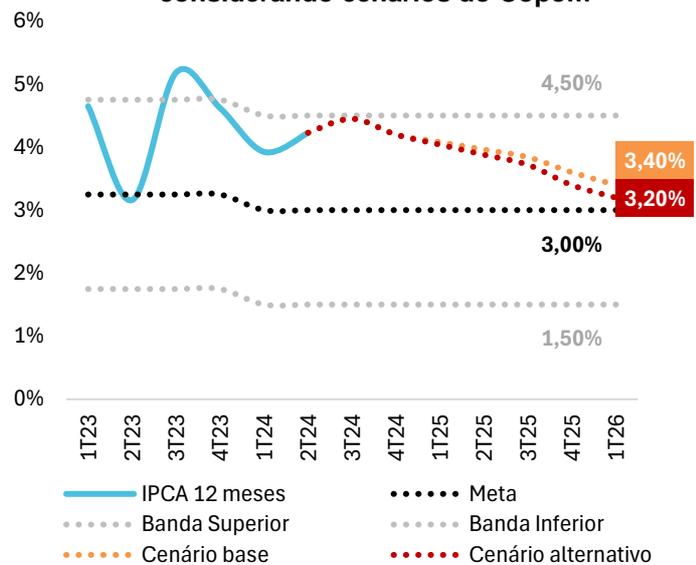
Assim, o comunicado trouxe um tom mais duro acerca dos riscos para a inflação. No entanto, ao mostrar que a inflação tende a convergir para ao redor da meta no início de 2026 com a manutenção da Selic, o Copom sinaliza que não há necessidade de uma elevação imediata dos juros. Contudo, se houver uma deterioração adicional do cenário, o Comitê parece ter deixado as portas abertas para um aumento da Selic.

Quadro 1: Taxa Selic - % aa



Fonte: BCB

Quadro 2: IPCA 12 meses e Projeções considerando cenários do Copom



Fonte: BCB e IBGE. * Cenário de referência = taxa Selic varia conforme expectativa coletada no boletim Focus (cai para 9,5% no fim de 2025 e 9,0% em 2026). ** Cenário alternativo = Taxa Selic estável em 10,50% aa em todo o horizonte.

O mercado de trabalho, por sua vez, segue aquecido, mostrando uma boa geração de vagas e avanço dos rendimentos. Se por um lado, explica em boa medida, o avanço do consumo das famílias, por outro, mantém a cautela quanto aos impactos inflacionários.

A taxa de desemprego, calculada pela PNAD, recuou para 6,9% em junho (ante 7,1% em maio), atingindo o menor patamar para o período desde 2014 (6,9%). Feitos os ajustes sazonais, a taxa recuou de 7,0% em maio para 6,9%.

A população ocupada seguiu avançando e atingiu novo recorde da série histórica, chegando a 101,8 milhões. O total de trabalhadores no país cresceu 1,6% no trimestre e 3,0% em 12 meses. Tal aumento seguiu impulsionado pela expansão no segmento privado formal e informal, que apresentaram altas anuais de 4,4% e 5,2%, respectivamente. Este dinamismo tem tirado o fôlego da ocupação por conta-própria (+1,3%). Assim, a população desocupada caiu 12,8% na comparação anual, atingindo 7,5 milhões de pessoas, menor patamar desde o trimestre encerrado em fev/15.

Já os rendimentos mostraram alta real anual de 5,8%. Este avanço, somado à expansão da população ocupada (+3,0%), levou a uma expressiva expansão real de 9,2% da massa salarial.

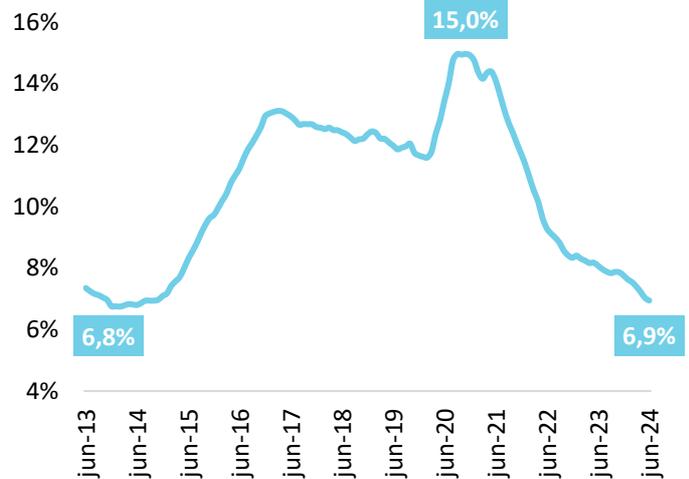
No setor formal, os dados também vieram positivos. O Caged registrou geração líquida de 201,7 mil vagas em junho, acima do esperado pelo mercado (+160 mil) e do observado em jun/23 (156,0 mil). Assim como em maio, todos os Estados mostraram números positivos, exceto o Rio Grande do Sul (-8,6 mil). Contudo, o dado de junho sinaliza uma melhora ante o número de maio (-22,2 mil vagas).

No acumulado do 1º semestre, o setor formal registrou geração líquida de 1,3 milhão de vagas, quase 300 mil acima do observado no mesmo período do ano anterior; e, pode atingir a marca de 2 milhões de vagas neste ano (ante 1,46 milhão em 2023).

Já a produção industrial registrou forte avanço de 4,1% em junho, se recuperando após a tragédia climática no Rio Grande do Sul. O resultado veio acima do esperado (+2,5%) e mais do que compensou as quedas nos dois meses anteriores, fazendo com a indústria fechasse o 2º trimestre com crescimento de 0,7%.

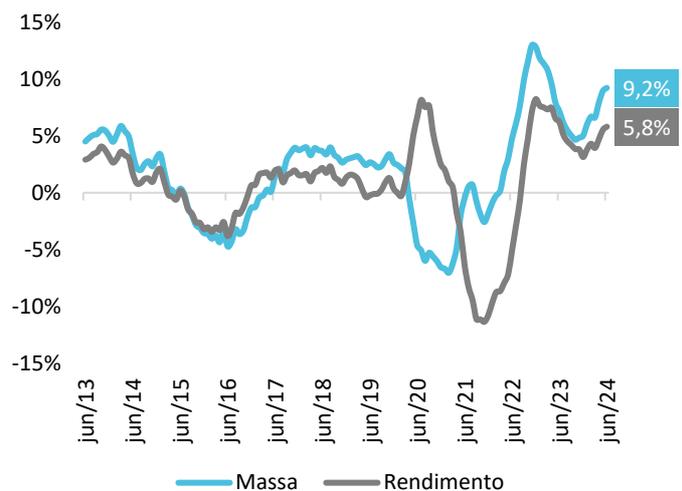
No mês, o predomínio foi de taxas positivas, com avanço em todas as grandes categorias e em 16 das 25 atividades analisadas. O resultado foi puxado pela indústria de transformação (+4,5%), com destaque para a recuperação na produção de produtos químicos (+6,5%), alimentícios (+2,7%), veículos (+3,1%) e fumo (+19,8%), todas afetadas pelas enchentes no RS.

Quadro 3: Taxa de Desemprego – série com ajuste sazonal*



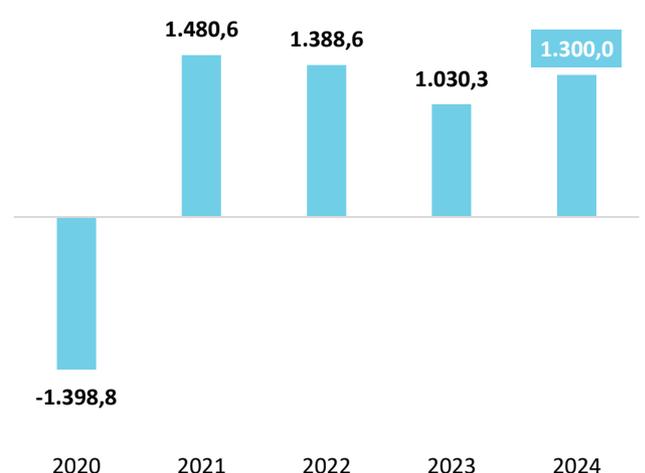
Fonte: PNAD (IBGE). *Ajuste Febraban

Quadro 4: Rendimento e Massa Salarial Var. % real em 12 meses



Fonte: PNAD (IBGE)

Quadro 5: Geração de Vagas Formais – Acumulado no 1º semestre – em milhares



Fonte: Caged

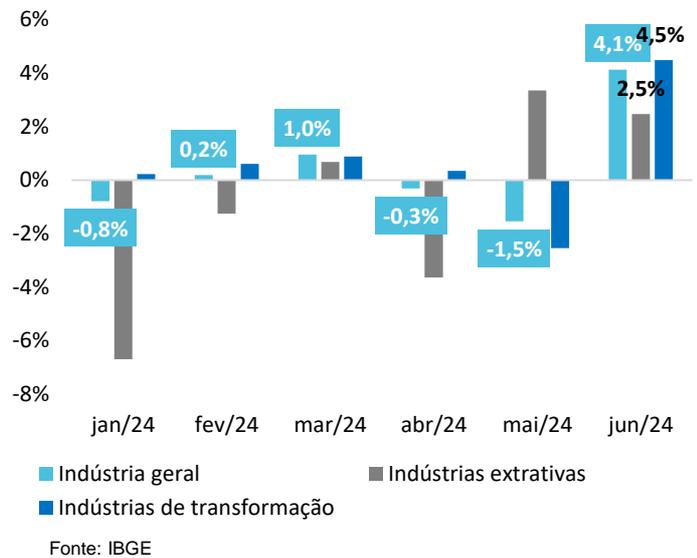
Também houve avanço relevante na produção de derivados do petróleo (+4,0%) e na metalurgia (+5,0%). A indústria extrativa, por sua vez, cresceu 2,5% no mês, impulsionada novamente pela extração de petróleo e minério de ferro.

No geral, o forte avanço da indústria no mês reflete a normalização das atividades após a paralisação ocasionada pelas enchentes no RS. Assim, tal desempenho positivo, somado à queda não tão intensa em maio, sugere que o impacto do incidente no RS foi modesto para a economia no trimestre. Não à toa, o setor encerra o 2º trimestre com um desempenho positivo no período, especialmente por parte da indústria de transformação (+0,9%), que vinha em processo de recuperação em função da queda dos juros. Tal fato deve contribuir para um novo avanço do PIB no período, não tão inferior ao registrado no 1T24 (+0,8%).

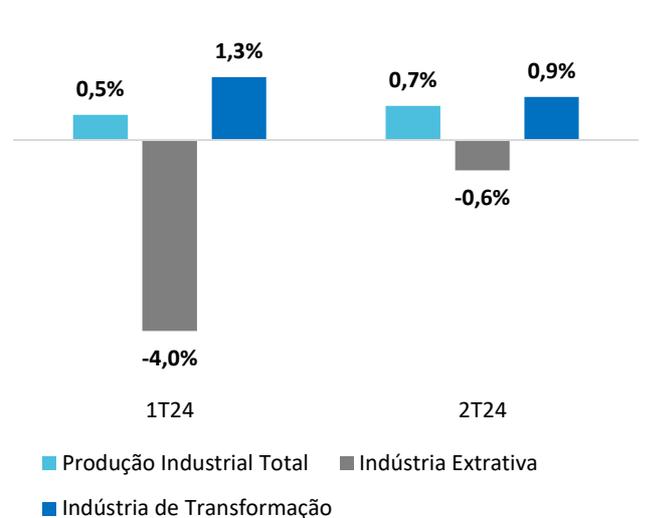
Em relação às contas públicas, o Banco Central informou que o setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 40,9 bi em junho, um pouco melhor do que o registrado em jun/23 (R\$ -40,2 bi). O resultado foi pressionado pelo fraco resultado do governo central (R\$ -40,2 bi), além do déficit das empresas estatais (R\$ -1,7 bi). Apenas os entes regionais (R\$ 1,1 bi) registraram superávit.

Em 12 meses, o setor público registra déficit primário de R\$ 272,2 bi (2,44% do PIB). Já o déficit nominal, que também considera o pagamento de juros, chegou a R\$ 1,1 trilhão (9,9% do PIB). Com isso, a dívida bruta do governo geral subiu 1,1 pp no mês, chegando a 77,8% do PIB, enquanto a dívida líquida atingiu 62,2% do PIB, maior patamar desde set/02.

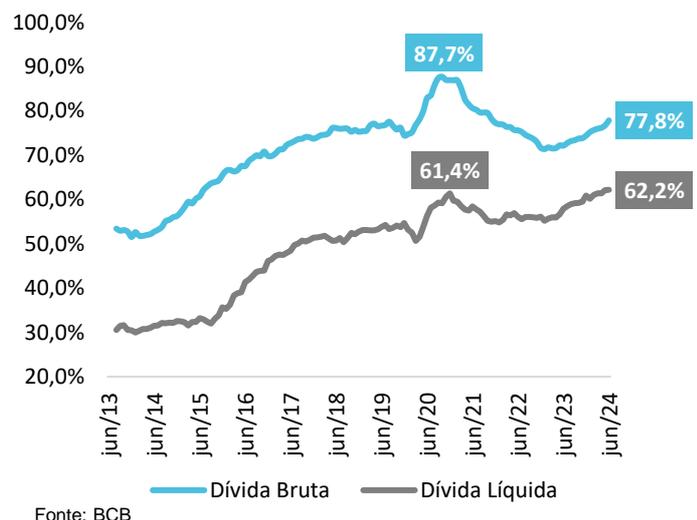
Quadro 6: Produção Industrial – Var.% mensal



Quadro 7: Produção Industrial – Var.% trimestral



Quadro 8: Dívida Bruta do Governo Geral e Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)



Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Temor com atividade nos EUA e tensões no Oriente Médio derrubam mercados

A semana foi marcada por forte aumento da aversão ao risco nos mercados internacionais, refletindo questões geopolíticas e o receio de uma desaceleração mais brusca da economia dos EUA. Embora o Fed tenha telegrafado uma queda dos juros a partir de setembro, os agentes se preocupam agora se o BC norte-americano está atrasado no processo de flexibilização monetária, em meio aos números mais fracos do mercado de trabalho (*payroll*) e dos resultados corporativos do 2T24 aquém do esperado conhecidos na última semana. Com isso, o rendimento das *Treasuries* despencou e o mercado já aposta em uma queda de 0,5 pp dos juros em setembro e de 1,0 pp até o fim do ano. Outro fator que piorou o humor dos mercados foi o aumento das tensões no Oriente Médio, com o temor de que o conflito entre Israel e o Irã se amplie na região. Tal preocupação até chegou a pressionar o preço do petróleo, mas não foi o suficiente para compensar a apreensão vinda da atividade nos EUA e na China, que fez com que o barril (tipo Brent) atingisse o menor nível desde janeiro deste ano.

Na economia, o *payroll* de julho mostrou criação de 114 mil vagas em julho, abaixo do esperado (+178 mil) e do dado de junho (+179 mil). Com isso, a taxa de desemprego subiu para 4,3%, contrariando a expectativa de estabilidade, em 4,1%. Outro sinal de desaquecimento do mercado de trabalho veio dos ganhos salariais, que desacelerou para 3,6% em base anual (ante 3,9%), menor patamar desde mai/21 (+2,3%). Já na reunião do Fed, ocorrida antes da divulgação dos dados, as taxas de juros foram mantidas no intervalo entre 5,25% e 5,50% aa, conforme esperado. Mas o Fed suavizou seu comunicado, indicando “algum progresso” da inflação em direção à meta de 2%. Na coletiva de imprensa, o presidente Jerome Powell afirmou que um corte em setembro “está na mesa”, diante do processo de desinflação e desaceleração da atividade, que deram mais confiança ao Colegiado.

Ainda sobre política monetária, o Banco Central Inglês (BoE) iniciou o processo de flexibilização monetária (-0,25 pp para 5% aa) no país em decisão dividida, sinalizando novos cortes à frente. No Japão, o BoJ subiu os juros para 0,25%, deixando a política de juros zero.

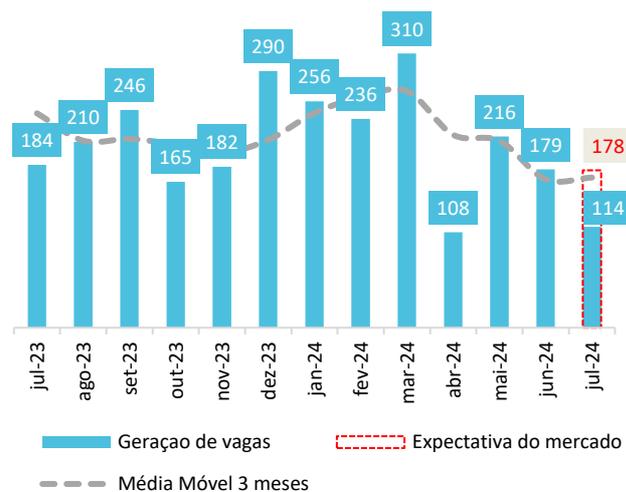
Na Zona do Euro, a prévia da inflação ao consumidor (CPI) de julho surpreendeu negativamente, ao acelerar (em 12 meses) para 2,6% (ante 2,5%), fato que pode levar o BCE a adotar uma postura mais cautelosa nas próximas reuniões. Já a prévia do PIB do 2T24 subiu 0,3% no trimestre, pressionado pelo fraco desempenho da economia alemã.

Quadro 9: EUA – Rendimento das *Treasuries* de 2 e 10 anos – Em % aa



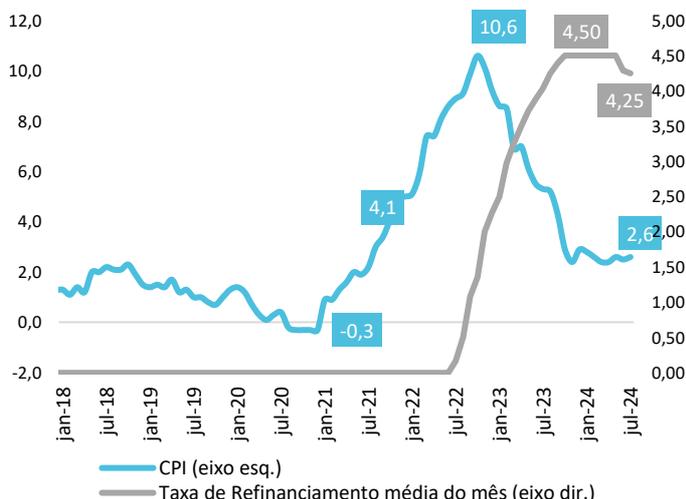
Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: Zona do Euro – CPI e Taxa de Refinanciamento – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

The Banker Top 1.000 World Banks 2024

CRÉDITO / BANCOS

O informativo desta semana continua explorando a base de dados da revista The Banker, que traz as informações do ranking Top 1000 World Banks 2024, referente ao ano de 2023. Nesta edição, analisamos a taxa de inadimplência no setor bancário dos principais países do mundo e sua evolução recente, especialmente após a pandemia, com o objetivo de identificar como a variável evoluiu desde então, num contexto marcado pelo aumento da inflação e dos juros a nível global. Este é um tema bastante relevante no Brasil, uma vez que, em geral, como poderá ser visto adiante, a inadimplência é comparativamente maior no país do que na maior parte do mundo. E, como a inadimplência é um principais componentes do custo do crédito, explica em grande parte o spread bancário elevado no país.

Para o cálculo da taxa de inadimplência, foi utilizada a razão entre a carteira inadimplente acima de 90 dias (*non-performing loan – NPL*) em relação à carteira total de empréstimos (*gross total loans*). Além disso, foram retiradas as instituições onde não foram reportadas informações de carteira inadimplente e/ou empréstimos, totalizando 877 bancos na amostra.

O quadro 12 traz os números de inadimplência de 2023 por região e país, comparando a inadimplência com o ano anterior (2022). Em 2023, a taxa de inadimplência média global ficou estável em 1,5% da carteira de crédito, com estabilidade também nas regiões mais relevantes, como Ásia (1,3%) e Europa (1,7%) e com leve alta na América do Norte (+0,1 pp, para 0,8%). Já na América do Sul, o movimento foi na contramão do resto do mundo, com a inadimplência subindo 0,3 pp no ano, atingindo 3,0%, puxado pela piora no Chile (+0,5 pp, para 2,1%) e, em menor grau, do Brasil (+0,2 pp, para 3,0%). Segundo o Banco Central, a inadimplência de todo o SFN também subiu 0,2 pp em 2023, mas o índice fechou o ano em 3,2%, um pouco acima do observado nos bancos brasileiros cobertos pela The Banker, indicando que a inadimplência dos maiores bancos do país (que fazem parte da amostra) é um pouco inferior à registrada pelos demais players do mercado.

Outro ponto que pode ser mencionado é que tal variação de “apenas” 0,2 pp no ano esconde a dinâmica do indicador, que piorou ao longo do 1º semestre, chegando a subir 0,6 pp (ante dez/22); mas, depois passou a cair no 2º semestre.

O Quadro 12 também traz a posição relativa dos países com relação à respectiva taxa de inadimplência, enquanto o Quadro 13 traz os números de alguns países selecionados, para facilitar a comparação. Podemos observar que o Brasil ocupa a 51ª posição geral (dentre 82 países na amostra), com 3,0% de inadimplência, o dobro da média mundial (1,5%) e pior do que países emergentes comparáveis, como: México (29ª posição; inadimplência em 1,7%), Chile (38ª; 2,1%), Turquia (31ª; 1,7%) e Índia (47ª; 2,8%), por exemplo. Como curiosidade, a Ucrânia (país devastado pela guerra) aparece no último lugar, com uma incrível taxa de inadimplência de 52,5%.

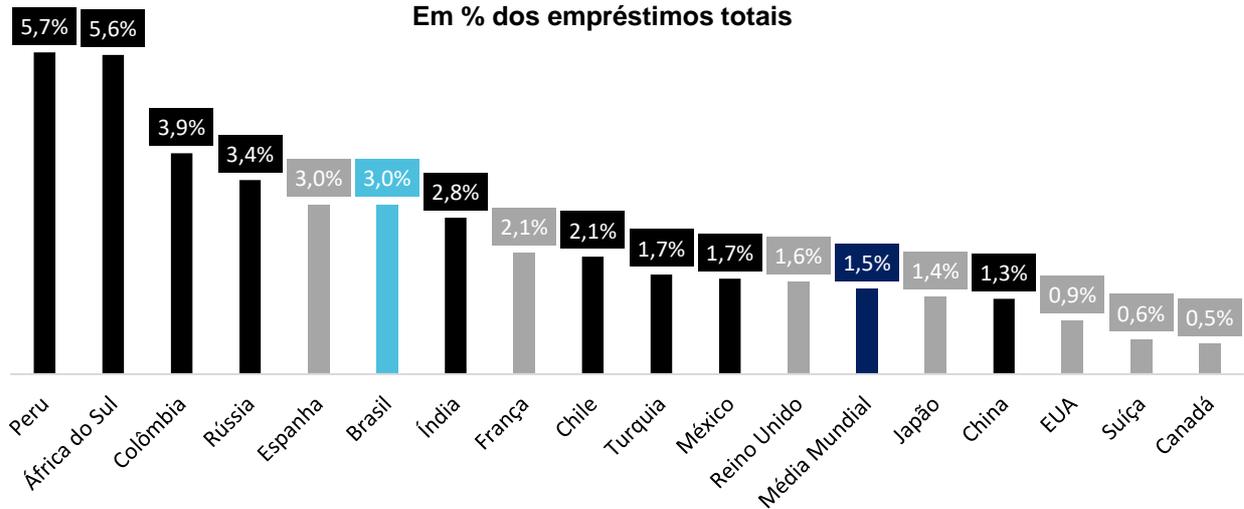
Já os bancos dos países desenvolvidos apresentam números bem mais baixos de inadimplência, como Canadá (3ª; 0,5%), Suíça (5ª; 0,6%) e EUA (9ª; 0,9%), ocupando as melhores colocações. Taiwan registra a menor inadimplência (0,2%) da amostra.

**Quadro 12: Taxa de Inadimplência por Região e país
Em % da carteira**

Região/País	Nº de bancos	Taxa de Inadimplência (NPL/Empréstimos)		
		Em %	Posição do país	Dif. Em pp (2023-2022)
Ásia e Pacífico	331	1,3%		0,0
China	126	1,3%	16º	0,0
Japão	72	1,4%	18º	0,0
Índia	27	2,8%	47º	-1,1
Coreia do Sul	9	0,7%	6º	0,2
Europa	199	1,7%		0,0
França	5	2,1%	41º	0,0
Reino Unido	24	1,6%	27º	-0,1
Suíça	34	0,6%	5º	0,0
Espanha	12	3,0%	52º	0,0
América do Norte	195	0,8%		0,1
EUA	179	0,9%	9º	0,1
6 maiores bancos	6	0,9%		0,1
Demais IFs	173	0,9%		0,1
Canadá	13	0,5%	3º	0,1
Oriente Médio	59	2,7%		-0,1
América do Sul	27	3,0%		0,3
Brasil	11	3,0%	51º	0,2
Chile	5	2,1%	38º	0,5
África	23	6,3%		0,6
África do Sul	6	5,6%	76º	0,5
Europa Leste e Central	20	4,1%		0,1
Rússia	6	3,4%	61º	0,1
América Central	12	1,7%		-0,3
México	8	1,7%	29º	0,0
Caribe	6	2,4%		0,5
Ásia Central	5	3,4%		0,4
Total	877	1,5%		0,0

Fonte: The Banker.

Quadro 13: Taxa de Inadimplência por país em 2023
Em % dos empréstimos totais



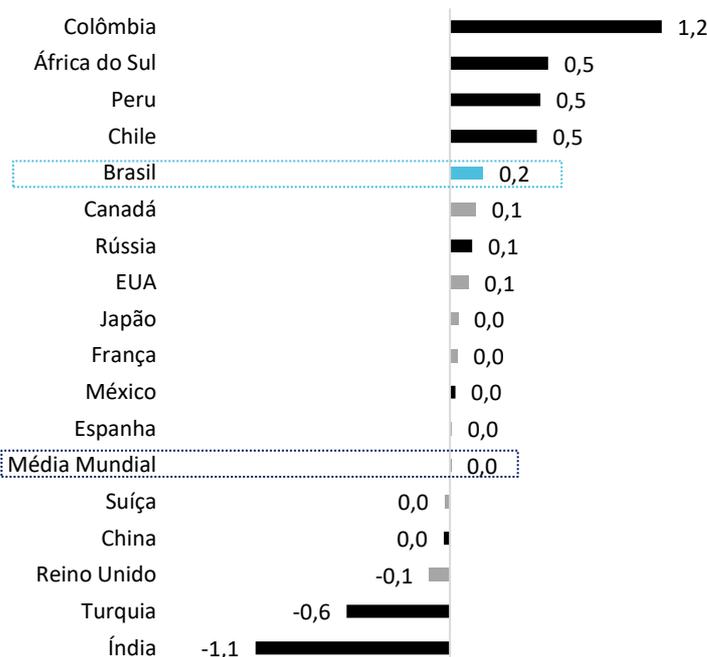
Fonte: The Banker.

Uma das exceções entre os desenvolvidos é a Espanha, que também apresenta uma taxa de inadimplência de 3,0% (igual à média dos bancos brasileiros), refletindo a forte presença de seus principais bancos na América Latina.

Por fim, os Quadros 14 e 15 comparam o nível de inadimplência de 2023 dos bancos de alguns países selecionados com 2022 e 2019 (período pré-pandemia), nessa ordem. Como já comentado, o Brasil viu a inadimplência piorar (+0,2 pp) no comparativo com 2022, na contramão da estabilidade da média mundial. De toda forma, alguns países da região, como a Colômbia (+1,2 pp), o Peru (+0,5 pp) e o Chile (+0,5 pp) tiveram performances ainda pior. Além disso, percebe-se que, mesmo em um ambiente de altas taxas de juros, não houve deterioração da inadimplência nos bancos das principais economias mundiais.

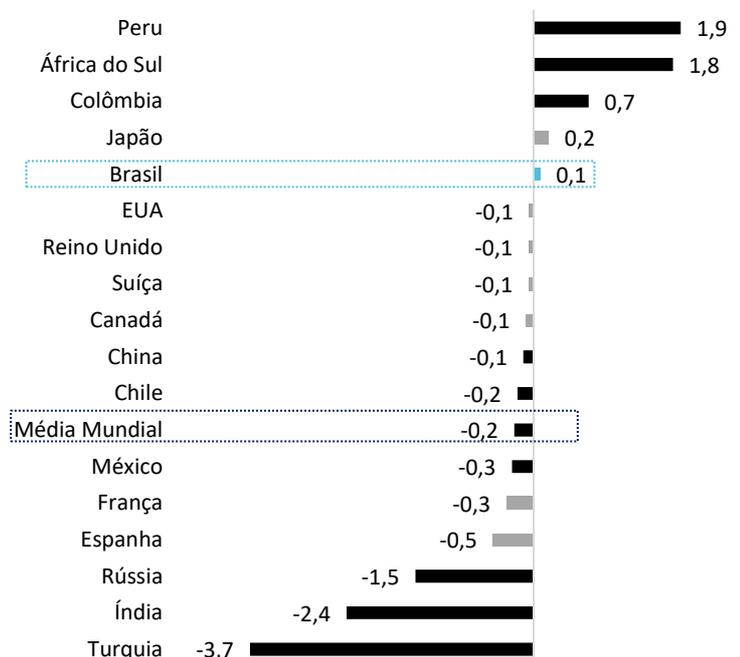
Já no comparativo com relação a 2019, curiosamente, houve uma melhora do índice de inadimplência global no período (-0,2 pp), apesar do ambiente conturbado, marcado por uma série de incertezas. Tal melhora foi puxada por países relevantes, como: Espanha (-0,5 pp) e França (-0,3 pp); além de emergentes cujos sistemas bancários se recuperaram de crises internas, como Turquia (-3,7 pp) e Índia (-2,4 pp). Já no Brasil, a inadimplência média no fim de 2023 ficou 0,1 pp acima do nível de 2019, ainda que abaixo do observado em países como: Peru (+1,9 pp), África do Sul (+1,8 pp) e Colômbia (+0,7 pp).

Quadro 14: Variação da Taxa de Inadimplência 2023 ante 2022 (Em pp)



Fonte: The Banker.

Quadro 15: Variação da Taxa de Inadimplência 2023 ante 2019 (Em pp)





MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	02/08/24	26/07/24	05/07/24	Viés	02/08/24	26/07/24	05/07/24	Viés
IPCA (%)	4,12	4,10	4,02	▲	3,98	3,96	3,88	▲
PIB (% de crescimento)	2,20	2,19	2,10	▲	1,92	1,94	1,97	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	10,50	10,50	10,50	↔	9,75	9,50	9,50	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,30	5,30	5,20	↔	5,30	5,25	5,20	▲

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	02/08/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,73	1,27%	2,40%	17,93%	16,52%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	170,82	8,56%	0,24%	28,96%	-3,00%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,41	-0,31%	-0,14%	-10,66%	-20,88%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,06	-3,35%	-1,53%	10,20%	0,07%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,78	-2,91%	-4,87%	16,97%	11,98%
Índice Ibovespa (em pontos)	125.854,09	-1,29%	1,57%	-6,21%	4,37%
IFNC (setor financeiro)	12.462,35	-1,26%	2,46%	-9,72%	1,42%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,88	-11,48%	-18,38%	-8,71%	-20,51%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,79	-9,62%	-13,78%	-2,29%	-9,21%
Dollar Index	103,21	-1,06%	-2,51%	1,85%	0,65%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.346,56	-2,06%	-2,09%	12,09%	18,76%
Índice de ações de bancos – EUA	108,11	-9,09%	9,62%	-1,29%	5,84%
Índice Euro Stoxx 50	4.638,70	-4,60%	-5,22%	2,59%	7,76%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	132,75	-8,80%	-2,97%	12,17%	19,03%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	76,81	-5,32%	-11,11%	-0,30%	-9,78%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira